

MUSEU DA PESSOA

História

Ases domáveis

História de: [Angela dEgmont](#)

Autor: [Angela dEgmont](#)

Publicado em: 14/05/2010

História completa

Foi no primeiro torneio da Hípica Barão Geraldo, Campinas. Estava lá, com a ansiedade de fazer minha filha conquistar e se deixar conquistar pelo seu novo cavalo, J.Men Mito, que eu havia adquirido sem consultar ninguém. Imaginei aquele cavalo branco, lindo, com a minha filha loirinha, cabelos ao vento, saltando. Então, fiz um sinal e comprei. O cavalo era tudo o que dizia o livrinho do leilão. E mais: arreado, valente, forte, boca dura, desconfiado, descomedido, espontâneo. Acho que define o termo livre. Ele gostava mesmo era de uma boa forragem, água/ração fresca, vários treinos fortes, um pasto verdinho, um banho, cama limpa. E só. Gostava de ficar na dele. Nada de viagens, baladas em hípicas alheias, nem pensar. "E onde entra Top Gun nessa história?" Na I Copa Hípica Barão Geraldo, Campinas, primeiro torneio oficial da hípica. Mito e Viviana (não tão branquinhos e limpinhos) encabeçando uma lista dos melhores conjuntos, mais lama, chuva, frio, vento de cortar a pele. Tudo o que nunca imaginei para um torneio de estreia... Último dia de prova, Mito/Vivi terminavam o torneio com bons resultados. Intervalo (não lembro o que era esse hiato) para a prova principal, pista de grama, sol, céu azul. Na baía de Mito, eu, como uma alegre campestina, tentando "conversar" com ele. Mito lançou-me um olhar de pena, com um humor amuado, sacudiu a crina, balançou a cabeça, como quem me apontasse a porta de saída da baía. Tudo bem. Já era uma reação, pelo menos. Fui saindo e ouvi as vozes do cavaleiro e o tratador do Top Gun, se afastando na baía vizinha. Como entrar na baía adversária, sem ser vista? Também não dava pra eu ficar ali, indo e vindo das baias, com um papel na mão, fingindo que eu estava procurando algum animal. Fui devagar, ouvindo o tilintar dos arreios inimigos. Pus minha mão calmamente naquela pelagem castanha escuro. Fiz um carinho, ele recuou. Todo ele brilhava. Altivo, ele me olhou de cima abaixo talvez pensando "como ousa entrar aqui?" Abaixou a cabeça, num gesto de indiferença à minha pessoa. Aproveitei que estava de cabeça baixa, cochichei rapidamente: - Você é capaz de guardar um segredo? Sabe, Top Gun, eu tenho um cavalo ali, na baía ao lado, que precisa vencer. Competir, hoje, não basta. Pode ser? Não vai alterar a sua pontuação e a do seu cavaleiro. Ele bateu a pata traseira no chão, entendi que fosse um "vou pensar no seu caso, por favor, retire-se daqui imediatamente". Bati a mão levemente no seu pescoço, num gesto de amizade, dei boa sorte e saí. Pista de grama. Na cabine do júri, o cavaleiro de Top Gun, junto ao microfone da câmera de vídeo, "rezava uma mandinga, um mantra" para que não houvesse mais conjuntos no desempate. Porém, Mito que é mito fica acima de qualquer feitiço. Minha filha foi para o desempate também, junto com os outros conjuntos. Começa a decisão do grande prêmio. Meu coração de mãe nem sabia o tamanho que tinha o mundo naquela hora. Para mim, ficou pequeno, apertadinho. O experiente cavalo Top Gun, na pista. Com muita classe, característica desse animal, a galope, se aproxima de um obstáculo perto da cabine do júri; o cavaleiro realiza, em centésimos de segundo, uma série de correções de percurso, ajuste de velocidade, equilíbrio perfeito entre os dois e... Top Gun para... "bufá". Silêncio forte. Surpresa nos olhos do cavaleiro, um toque de leve no pescoço do seu animal; ele tentou de novo. Não lembro se eles saltaram afinal, porque desviei depressa o meu olhar procurando o sorriso da minha filha, enlaçada ao pescoço do Mito. Terminou o torneio, a entrega de premiação. O pôr-do-sol, vermelho daquele fim de tarde ficou marcado na minha memória. Era muita magia e da boa. O vento era muito gelado, um cheiro de terra molhada, um céu azul de inverno, um sol vermelho de verão, uma medalha na minha mão. - Vam'bora, mãe? - ela precisou repetir duas vezes a pergunta para que eu voltasse daqueles pensamentos surrealistas girando na minha cabeça: "E não é que o Top Gun me ouviu..." Não pude me despedir de Top Gun. Ele estava na baía com seu cavaleiro, participando de uma reunião de alta cúpula, com os dirigentes do seu haras. Também, não importava mais o que tinha acontecido. No coração da minha filha, alguma coisa entre o desafio e a alegria havia se misturado de novo. A esperança tinha acabado de se instalar naqueles seus incríveis olhos verdes. Obrigada, Top Gun, onde quer que você esteja. Que eu sei, só pode estar no céu dos cavalos de classe. Mito foi um cavalo muito sério, compenetrado no seu trabalho de grande saltador (saltava grande mesmo) e por causa disso ele nos deu muitas situações engraçadas para nossa pacata vida bucólica de interior. Se houver permissão do cavaleiro que também montou Mito, tiro da minha "algieira" uma história que pode levar o título "como sair no Fantástico, perdendo uma prova". (História enviada em maio de 2010)